

REALIDADE E IMAGINAÇÃO: UM PERCURSO SOBRE REPRESENTAÇÕES DO
 ESPAÇO A PARTIR DOS ROMANCES *TERRA SONÂMBULA* E *MÃE, MATERNO MAR*
 REALITY AND IMAGINATION: A JOURNEY ON REPRESENTATIONS OF THE SPACE
 FROM THE NOVELS *TERRA SONÂMBULA* AND *MÃE, MATERNO MAR*

Everton Fernando Micheletti¹

RESUMO

No levantamento teórico sobre as características do espaço nos romances *Terra sonâmbula* do moçambicano Mia Couto e *Mãe, Materno Mar* do angolano Boaventura Cardoso, surgiram algumas divergências teóricas em torno das questões de representação. De um lado, há as representações objetivas do espaço, sobretudo quanto à realidade histórica, de outro, as representações subjetivas, com os valores atribuídos ao espaço conforme as tradições ancestrais, a religiosidade, os mitos. O primeiro aspecto, além de remeter às formas do realismo do século XIX, e de sua continuidade em obras de períodos posteriores, conduz também a Bakhtin e seu conceito de cronotopo, em que espaço e tempo seriam decisivos para a objetividade no romance. O segundo aspecto levou a autores como Bachelard, Durand e Eliade, visto que, abordando as características gerais do imaginário e das valorizações mítico-religiosas, tendem à prevalência da subjetividade. O problema que se forma, desse modo, consiste em um conjunto de oposições entre os dois aspectos, o que se propõe discutir verificando se há possibilidade de síntese. Para tanto, recorre-se a outros referenciais teóricos, expandindo a busca por respostas a outras áreas, como a da Geografia, em especial à obra de Edward W. Soja.

Palavras-chave: espaço; representação; Literatura Angolana; Literatura Moçambicana

ABSTRACT

In the theoretical research on the characteristics of space in the novels *Terra sonâmbula* of the Mozambican Mia Couto and *Mãe, Materno Mar* of the Angolan Boaventura Cardoso, some theoretical divergences arose about the questions of representation. On the one hand, there are objective representations of space, especially in regard to the historical reality, on the other, subjective representations, with the values attributed to space according to ancestral traditions, religiosity, myths. The first aspect, in addition to referring to the forms of the realism of the nineteenth century and its continuation in the works of later periods, it also leads to Bakhtin and his concept of chronotope, in which space and time would be decisive to the objectivity in the novel. The second aspect led to authors like Bachelard, Durand and Eliade, since dealing with the general characteristics of the imaginary and mythical-religious valuations, they tend to the prevalence of subjectivity. Thus, the problem consists of a set of oppositions between the two aspects, what it is proposed to discuss to verify the possibility of synthesis. To this end, it resorts to other theoretical frameworks, expanding the search for answers to other areas such as Geography, especially the work of Edward W. Soja.

Keywords: space; representation; Angolan Literature; Mozambican Literature

INTRODUÇÃO

¹ Doutorando do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: efmicheletti@gmail.com

O espaço adquire grande relevância nos contos e romances de Cardoso e de Couto. Há um conjunto de lugares, ou motivos espaciais, que se destacam em suas obras, como estradas, barcos, navios, vilas, árvores, rios, mar, fogo, terra, entre outros. Nos romances *Terra sonâmbula* de Couto e *Mãe, Materno Mar* de Cardoso, entre os pontos em comum quanto ao espaço, de modo geral, há a estrada, a terra e o mar, estes dois últimos relacionados ao conjunto dos quatro elementos da matéria recorrentes em suas obras. Ao realizar a pesquisa a partir dessas características do espaço nos romances, surgiram especificidades que (re)colocaram um problema de representação na literatura.

Tanto há representações do espaço que podem ser consideradas objetivas, com a guerra e outras situações da realidade histórica dos dois países, como, ao mesmo tempo, há representações subjetivas, quando, por exemplo, valores são atribuídos ao espaço conforme um conjunto cultural e social variado, destacando-se as tradições ancestrais, a religiosidade, os mitos, entre outros. O problema que se forma, desse modo, consiste em um conjunto de oposições dentro da abrangência geral da oposição entre objetividade e subjetividade, são elas: entre espaço e tempo, sentido progressista e cíclico do tempo, entre o mental e o social, além de outras a esses relacionados, como natureza e cultura, ciência e religião, local e global.

O que se apresenta aqui, portanto, é o percurso teórico escolhido a partir do que “indicam” os romances. A estrada leva ao cronotopo de Bakhtin, a terra e o mar remetem a Bachelard, Durand e Eliade, formando-se a divergência para a qual serão apontadas possíveis respostas a partir do ponto de vista do geógrafo Edward W. Soja. Trata-se de um percurso entre tantos outros possíveis, há muitos outros autores e perspectivas que também contribuiriam para uma maior compreensão do espaço nos dois romances. Busca-se, assim, evitar a análise das obras por apenas um dos lados, verificando, ao final, se os romances se constituem mesmo por essa divergência e por que razões.

ESTRADA, CRONOTOPO E REALIDADE

Os romances iniciam-se com a predominância de descrições do espaço, o que se pode observar nos trechos a seguir, primeiramente de *Terra sonâmbula*; em seguida, de *Mãe, Materno Mar*:

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas... (...) A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. (...) Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse o único serviço desde que nasceram... Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. (COUTO, 2007, p. 09)

Corriam verdejantes velozes, os floridos campos, montanhas, vales, as miúdas ermas campinas, as planas terras... (...) e quando a velocidade era pouca a paisagem então se exhibia... (...) Uma hora depois de ter chegado a Cacuso, o comboio continuava imobilizado. Maioria dos passageiros estava cá fora, intrigados, queriam explicações para aquela cada vez mais demorada paragem, mas ninguém que dizia nada. (...) Vendedores que se encontravam na estação foram se misturando com os cerca de duzentos passageiros que seguiam viagem para as muitas paragens ao longo da linha férrea que ligava Malange a Luanda. (...) De entre os passageiros tinha gente de os vários estratos sociais: nas carruagens da frente, primeira e segunda classes, ia gente bem vestida com ares de quem que vive bem ou pelo menos sem grandes dificuldades; nas carruagens da terceira classe estavam os pés-descalços, gente humilde e simples. (CARDOSO, 2001, p. 35-40)

Nas duas obras, há referências à realidade, à guerra em *Terra sonâmbula*, à diferença de classe em *Mãe, Materno Mar*, entre outros casos que surgem ao longo das narrativas, destacando-se a estrada. No romance de Couto, é na estrada onde encontram um ônibus destruído que dois personagens passam a viver. O romance de Cardoso é sobre uma viagem de trem que passa por problemas, são feitas várias paradas obrigando os passageiros a uma convivência conturbada ao longo da estrada de ferro. O ponto de partida teórico, em face disso, é o cronotopo da estrada de Bakhtin, haja vista a valorização que ele faz da estrada como um dos principais componentes do espaço nas narrativas, ao qual ele vincula o tempo.

Relacionada ao motivo do encontro, a estrada é considerada como um dos principais elementos formadores de enredos, pois nela “cruzam-se num único ponto espacial e temporal os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas, representantes de todas as classes, situações, religiões, nacionalidades, idades” (BAKHTIN, 2010, p. 349). Como se nota, Bakhtin insiste na junção entre espaço e tempo, o que ele denomina de cronotopo:

À interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura chamaremos *cronotopo* (que significa tempo-espaço)... Não é importante para nós esse sentido específico que ele tem na teoria da relatividade, assim transportaremos

daqui para a crítica literária quase como uma metáfora (quase mas não totalmente); nele é importante a indissolubilidade de espaço e de tempo... Entendemos o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura...” (BAKHTIN, 2010, p. 211)

Espaço e tempo são considerados decisivos para a referencialidade, para a relação da narrativa com o extratextual, enfim, para a relação entre a ficção e a realidade, pois os cronotopos são “o campo essencial para a... representabilidade dos eventos” (BAKHTIN, apud MORSON e EMERSON, 2008, p. 386). Bakhtin está pensando sobretudo no romance; após analisar obras de várias épocas, defende que o romance é o gênero que melhor representa a realidade histórica na literatura, o que se deve ao cronotopo. O romance, para Bakhtin, além de apresentar a “percepção mais complexa da linguagem”, tem a “mais rica percepção do mundo”, visto que, em sua “cronotopicidade, o romance oferece a nossa imagem mais profunda das pessoas, das ações, dos eventos, da história, da sociedade” (MORSON e EMERSON, 2008, p. 389). É provável que Bakhtin tenha como principal referência do gênero o romance realista do século XIX, pois, segundo Cabral:

Ao considerarmos a semelhança do método postulado pelo realismo filosófico (o estudo de casos individuais e particulares da experiência) e o problema epistemológico da correspondência entre a obra literária e a realidade a qual ela imita (ou da assimilação de aspectos do mundo representado pelo mundo representante, em termos bakhtinianos), parece plausível dizer que a teoria do cronotopo, em certa instância, seria tributária da tradição filosófica realista. (CABRAL, 2012, p. 20)

O cronotopo de Bakhtin incide na representação da realidade no romance, em que espaço e tempo reunidos estariam no cerne da relação entre o real e o ficcional, visto que “essas duas categorias constituem uma unidade fundamental, exatamente como na percepção humana da realidade cotidiana” (BEMONG e BORGHART, 2015, p. 17). A estrada, nesse caso, constitui-se em cronotopo por ser, por si só, uma imagem espaço-temporal, uma linha no espaço, que, ao ser percorrida, tem-se o fluxo do tempo: “Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos)” (BAKHTIN, 2010, p. 350). Possibilita encontros e, por conseguinte, gera conflitos, formando enredos com forte grau de “realismo”.

Segundo Keunen, ao tratar do cronotopo da estrada, Bakhtin faz constantes referências à literatura antiga, destacando-se a comparação entre “a realidade cotidiana vivida no romance picaresco... o ancestral do romance moderno – do significado abstrato atribuído à estrada no romance de aventuras barroco e no romance sofista grego”, e

conclui que Bakhtin “tem em mente a nova visão das experiências estéticas realistas, mais recentes” (KEUNEN, 2015, p. 60). O cronotopo de Bakhtin, portanto, aproxima-se mais das representações objetivas do espaço, sendo vinculado ao tempo, porém, por diversas vezes, Bakhtin parece valorizar mais o tempo, no caso, o tempo histórico.

TERRA, MAR E IMAGINAÇÃO

Outro aspecto que envolve o espaço encontra-se já no título, terra e mar. A estrada se faz na terra que parece sonâmbula, onde o fogo destruiu o ônibus, ou no caso do trem, o demorado destino é o mar, a água considerada maternal. Assim como remetem à realidade, a acontecimentos naquela(s) terra(s), o mar histórico da invasão colonialista, há, também, caracterizações que envolvem a perspectiva mítico-religiosa, tornando-se constantes nas obras dos dois escritores os quatro elementos da matéria.

Em determinada parte de *Terra sonâmbula*, aparece um fazedor de rios, um homem que fazia um buraco para a água voltar a correr, quando perguntam que nome terá o rio, ele responde “Mãe-água”, porque “o rio tinha vocação para se tornar doce... limparia a terra, cariciando suas feridas” (COUTO, 2007, p. 86), no caso, as feridas causadas pela guerra. Próximo ao desfecho, um ancião, no momento de morte, pede para ser colocado em um barco no mar, assim como os cadernos que o jovem lia para ele tornam-se “páginas de terra” (COUTO, 2007, p. 204). Há outros momentos em que os elementos da matéria surgem, sendo explorados em seus diversos sentidos.

Em *Mãe, Materno Mar*, a viagem de trem do interior à capital, Luanda, passa por uma série de problemas e dura insólitos quinze anos. A três partes do romances intitulam-se “A Terra”, “O Fogo” e “A Água”, subdividindo-se em capítulos cujos acontecimentos relacionam-se aos diversos sentidos que se atribuem aos elementos da matéria. Quando chega finalmente ao destino, o jovem protagonista entra no mar, a maternidade das águas parece aliviar os sofrimentos do percurso, assim como pode recompor forças, fazer “renascer”. Os escritores, como se nota, utilizam-se da plurissignificação, os motivos espaciais elementares podem surgir nas narrativas tanto com sentidos literais como míticos e religiosos, ou metafóricos, o que remete às obras de Bachelard, Durand e Eliade.

Bachelard privilegia a subjetividade, defendendo a imaginação como nossa forma primeira de abordagem da realidade, em que está implicado o espaço. Para ele, imaginar significa formar imagens não apenas “objetivas” da realidade, mas formar imagens que

“nascem” com valores, os quais são atribuídos subjetivamente. A imaginação, portanto, não seria “a faculdade de formar imagens da realidade”, mas, sim, “uma faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade” (BACHELARD, 1997, p. 17), isto quer dizer, o ser humano não abordaria uma “realidade pura”.

Nesse sentido, Bachelard valoriza o devaneio em detrimento da experiência, afirmando que a imaginação “inventa vida nova; abre olhos que têm novos tipos de visão” e que terá “visões se se educar com devaneios antes de se educar com experiências” (BACHELARD, 1997, p. 18). Não se poderia perceber a realidade sem imaginação, ao real estaria sempre relacionado o irreal, mas a este último não se atribuiria a devida importância, esquecendo-se “as pulsações inconscientes, as forças oníricas que extravasam sem cessar na vida consciente” (BACHELARD, 2001, p. 03). Defende, portanto, a prevalência do processo mental em relação ao meio social, da subjetividade em relação ao mundo, considerando que o ser humano não apenas percebe o espaço, mas o imagina.

Para Bachelard, o espaço importa mais como imaginado e menos em uma descrição objetiva, afirma que ao “lado de um materialismo racional tem lugar um materialismo apaixonado”, que “ao lado das experiências... têm lugar os sonhos, os poemas, as imagens” (BACHELARD, 2001, p. 188). Desse modo, ele procura desvelar a imaginação sobre a matéria, que também é imaginar o espaço, e elabora suas obras sobre os quatro elementos. Sobre a água, por exemplo, aborda a sua feminilidade, podendo adquirir um caráter maternal: há uma “profunda *maternidade* das águas”, em que a fonte, por exemplo, “é um nascimento irresistível, um nascimento *contínuo*” (BACHELARD, 1997, p. 15). Há um conjunto de sentidos apontados por Bachelard que se encontram nos romances, constituindo-se em motivos espaciais. Diferentemente de Bakhtin, Bachelard defende a prevalência do espaço em detrimento do tempo:

Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar o tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço. (BACHELARD, 2008, p. 28)

Durand, autor que também aborda o imaginário com ênfase nos elementos da natureza, organizado em suas “estruturas antropológicas”, defende do mesmo modo a prevalência do espaço sobre o tempo. Considera o espaço como “o ser *sensorium* geral” da imaginação, isto é, a imaginação se faz de/no espaço:

só há intuição de imagens no seio do espaço, lugar da nossa imaginação. É por essa razão profunda que a imaginação humana é modelada pelo desenvolvimento da visão, depois pelo da audição e da linguagem, todos meios de apreensão 'a distância'... (DURAND, 2001, p. 406)

O tempo, para Durand, seria uma ameaça, sobretudo pela finitude. Diferente de Bakhtin, Durand apresenta uma “disjunção” de tempo e espaço, em que a imaginação se faz espacialmente na luta contra o tempo, adquirindo, assim, um caráter eufêmico, pois nela está implicado:

um esforço do ser para erguer uma esperança viva diante e contra o mundo objetivo da morte, em que os recursos das diversas modalidades do imaginário e dos estilos expressivos da imagem são orientados pela preocupação única de fazer 'passar' o tempo, por meio da forma espacial, do domínio do destino fatal. (DURAND, 2001, p. 432)

Ele considera que, com a “luta” que se faz no espaço contra o tempo, a função da imaginação é a “função da Esperança” (DURAND, 2001, p. 432). Assim como Bachelard, Durand desvela um conjunto de valores que se atribuem aos elementos da matéria, abordando a maternidade da água e, também, da terra. Outro autor que se dedicou às valorizações dos elementos da matéria, porém não como algo mais geral do imaginário humano, e, sim, quanto à religiosidade, foi Eliade. Em suas obras sobre a história da religiões, Eliade demonstra como a religiosidade decorre da relação do ser humano com o espaço, em que o sagrado, por exemplo, constitui-se de espacialidade.

Em termos conceituais, há uma diferença importante quanto à “realidade”, visto que para a perspectiva religiosa, segundo Eliade, a “realidade absoluta” não envolve apenas o mundo material, mas este juntamente com o imaterial. Nesse sentido, ele explica a diferença entre espaços profanos e espaços sagrados:

Estamos em presença de uma geografia sagrada e mítica, a única efetivamente *real*, e não de uma geografia profana, 'objetiva', de certa forma abstrata e não essencial... Na geografia mítica, o espaço sagrado é o *espaço real* por excelência, pois, como se demonstrou recentemente, para o mundo arcaico o mito é real porque ele relata as manifestações da verdadeira realidade: o *sagrado*. (ELIADE, 1996, p. 36)

Eliade não se prende ao mundo arcaico, mostrando como o pensamento religioso e o pensamento mítico permanecem posteriormente (ELIADE, 2013, p. 152-7). Para a visão religiosa, de modo geral, a vida comum, que envolve o material, seria ilusória, enquanto a vida verdadeira, “real”, seria aquela que envolve o sagrado (ELIADE, 2010, p. 307). Sobre

o tempo, difere do tempo histórico “único e irreversível”, haveria um tempo sagrado original, a-histórico, caracterizado pela sua “repetibilidade”, que pode ser “reproduzido” ou “presentificado” em rituais (ELIADE, 2010, p. 320), renovado como a natureza se regenera em ciclos. Assim como a eternidade, de que tratam algumas religiões, significa, de certo modo, a abolição de um “tempo profano”.

Embora não mencione uma “luta” contra o tempo como Durand, lembrando que este tem as obras de Eliade entre suas principais referências, subentende-se que, na perspectiva religiosa, há rituais que visam ao “afastamento” do tempo profano, a religiosidade como uma forma de evitar a finitude. Como se nota, há diferenças entre tempo histórico e tempo sagrado, sentido progressista e cíclico, sobre a “realidade” entre o sagrado e o profano, ou entre religião e ciência, esta que se propõe objetiva e aquela que seria, então, subjetiva.

Forma-se o problema porque todas essas perspectivas têm relação com os romances, embora algumas delas oponham-se às outras. Bakhtin une espaço e tempo, valorizando o tempo histórico, sendo mais “realista”, mais próximo da visão científica, visto que se inspirou na teoria da relatividade, enquanto Durand confronta espaço e tempo, valorizando o espaço. Bachelard enfatiza a subjetividade, assim como Eliade demonstra que, para a visão religiosa, a “realidade” envolve o que está “além” da matéria. Assim, pensando o espaço em termos de objetividade ou subjetividade, haveria possibilidade de síntese?

REALIDADE E IMAGINAÇÃO – O “TERCEIROESPAÇO”

Encontra-se uma possibilidade na obra de Soja, autor que critica a atenção dada ao tempo nas Ciências Humanas em detrimento do espaço. Baseando-se principalmente em Lefebvre, Soja apresenta uma outra possibilidade de abordagem espacial, denominada por ele de “Terceiroespaço”, que seria sempre “real e imaginado”, abrangendo as representações objetivas e subjetivas ao mesmo tempo. Ele critica a separação, afirmando que restringir ao objetivo ou ao subjetivo deturpa o que é o espaço, mas como didaticamente é possível essa divisão, prefere falar em “terceiramento”:

Eu escolhi chamar essa nova consciência de Terceiroespaço e iniciar sua definição descrevendo-o como um produto de um “terceiramento” da imaginação espacial, a criação de um outro modo de pensar o espaço que se baseia nos espaços materiais e mentais do dualismo tradicional, mas

que se estende bem além deles em alcance, substância e significado. Simultaneamente real e imaginado e mais (ambos e também...), a exploração do Terceiroespaço pode ser descrita e inscrita em jornadas a lugares “reais-e-imaginados” (ou talvez “reaiseimaginados”). (SOJA, 1996, p. 11)

O Terceiroespaço, com seus “mundos reais e imaginados” a serem explorados, como ele segue explicando, é transdisciplinar, atravessando “todas as perspectivas e modos de pensamentos, e não está confinado somente a geógrafos, arquitetos, urbanistas” (SOJA, 1996, p. 11), logo, pode-se incluir a literatura. O “terceiramento” seria uma forma de “combater a prolongada tendência de confinar o conhecimento espacial às epistemologias do Primeiroespaço e Segundoespaço” (SOJA, 1996, p. 74).

As epistemologias do “Primeiroespaço” privilegiam “objetividade e materialidade e miram na direção de uma ciência formal do espaço”, em que a espacialidade “assume as qualidades de um texto substancial para ser cuidadosamente lido, digerido e entendido em todos os seus detalhes”, geralmente com uma “descrição precisa... quantitativa e matemática” (SOJA, 1996, p. 75). Se num momento esteve ligado ao cientificismo (positivismo, determinismo), com o desenvolvimento tecnológico (satélites, informática) passa-se a acreditar mais ainda nas “descrições precisas empíricas da ‘realidade’ geográfica”, que conteriam “as fontes intrínsecas da *teoria* espacial” (SOJA, 1996, p. 76). Seriam “ilusões realistas” que se prendem à “forma material de coisas no espaço”, ao “externo”, assim, apesar do “acúmulo impressionante de conhecimento espacial preciso”, as epistemologias do “Primeiroespaço... são fundamentalmente incompletas e parciais” (SOJA, 1996, p. 76-8).

Sobre as epistemologias do “Segundoespaço”, distinguem-se por entenderem o conhecimento espacial como “primeiramente produzido através de representações do espaço elaboradas discursivamente, através do funcionamento espacial da mente”, sendo “em sua forma mais pura” um espaço “inteiramente ideacional, composto de projeções no mundo empírico das geografias concebidas ou imaginadas” (SOJA, 1996, p. 78-9). O autor ressalta que não se abandona a realidade material, o “Primeiroespaço”, mas que “o conhecimento dessa realidade material é compreendido essencialmente através do pensamento, como *res cogito*, literalmente ‘coisas pensadas’”, com esse predomínio do mental a “explicação torna-se mais reflexiva, subjetiva, introspectiva, filosófica e individualizada” (SOJA, 1996, p. 79). Mas o espaço na literatura não se restringiria a esse “Segundoespaço”? Nesse caso, Soja afirma o seguinte:

Segundoespaço é o local interpretativo do artista criativo e do arquiteto ardiloso, visual ou literalmente re-(a)presentando o mundo na imagem de seus imaginários subjetivos; o urbanista utópico buscando justiça social e espacial através da aplicação de ideias melhores, boas intenções, e melhor aprendizagem social; o geógrafo filósofo contemplando o mundo através do poder visionário das epistemologias científicas ou da visão kantiana da geografia como modo de pensar ou da mais imaginativa “poética” do espaço. (SOJA, 1996, p. 79)

Esse espaço é criticado por ser idealizado, como algo que parece ingênuo, subentende-se uma crítica a Bachelard e sua “poética do espaço”, pode-se considerar mesmo que Bakhtin tende mais a um “Primeiroespaço” e Bachelard mais ao “Segundoespaço”, de modo que o “Terceiroespaço”, então, confirma-se como a síntese. O “Segundoespaço” torna-se um problema, portanto, quando a representação idealizada é tida como “verdade”, o que se poderia chamar de “idealização da epistemologia, sua confiável representação como uma magistral e completa ordenação da realidade”, o que preocupou Lefebvre quanto ao “poder hegemônico frequentemente atribuído a (e por) essa epistemologia espacial idealizada e elevada” (SOJA, 1996, p. 80).

As epistemologias do “Terceiroespaço” podem ser descritas pela desconstrução e reconstituição da dualidade “Primeiroespaço”-“Segundoespaço”, mantendo-se o “terceiramento-como-Alteridade”, não visando a uma recusa total dos dois primeiros, mas buscando “revigorar suas abordagens do conhecimento espacial com novas possibilidades até então impensadas dentro das disciplinas espaciais tradicionais” (SOJA, 1996, p. 81). Com a “re-abertura” e o repensar de novas possibilidades, questionam-se todas as formas estabelecidas de obtenção de conhecimento do mundo, porém não recaindo em “hiper-relativismo” (SOJA, 1996, p. 81), é aí que se pode repensar o cronotopo de Bakhtin, a imaginação de Bachelard e Durand, e a religiosidade de Eliade, propondo uma síntese como “terceiramento”, uma vez que a síntese de Soja consiste no “real e imaginado”.

Após a crítica ao privilégio do tempo, Soja propõe repensar a dimensão humana de que o histórico e social fazem parte, mas juntamente com o espaço, assim afirma: “Nós somos primeiro e sempre seres histórico-sócio-espaciais, participando ativa, individual e coletivamente na construção/produção – o 'devir' – de histórias, geografias, sociedades” (SOJA, 1996, p. 73). Nesse sentido, pode-se (re)pensar a abordagem dos romances quanto aos referenciais teóricos, em que as divergências podem ser o (terceiro) caminho para a análise do espaço, este que se constitui, não por um caráter conformador, mas por tensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do ponto de vista de Soja, é possível pensar nas articulações entre objetividade e subjetividade no discurso romanesco. Se há contradições entre Bakhtin, de um lado, e Bachelard, Durand e Eliade, de outro, talvez os romances se construam assim, desvelando as dimensões humanas contraditórias. Desse modo, pode-se entender que a estrada, a terra e o mar – reais e imaginados – surgem nos romances refletindo a nação, ou as nações, Angola e Moçambique, em processo de (re)construção após o séculos de colonialismo e os períodos de guerra.

O mundo em desarmonia, após a Independência, gera essas junções e disjunções das formas de se abordar o espaço, em que se tem a miséria, a concretude da guerra que ocorre na realidade e que se espera que os seres humanos encontrem a solução. Ao mesmo tempo, há a perspectiva mítico-religiosa, que os antepassados, deuses ou líderes religiosos resolvam os problemas enfrentados pelas populações. Por isso, analisar o espaço nos romances com atenção a somente um dos lados não parece dar conta do que eles refletem, problematizam e revelam, visto que apresentam mais indefinições do que certezas. Um dos protagonistas de *Terra sonâmbula* vive entre a dura e certa realidade da guerra e o incerto dos sonhos que tem, mas, às vezes, a realidade parece algo onírico e o sonho explica a realidade. Em *Mãe, Materno Mar*, confia e desconfia-se da religião ao longo da viagem, com um foco narrativo múltiplo, deixando que vários pontos de vista se manifestem, assim como há várias temporalidades, podendo-se identificar tanto a junção ao modo cronotópico, como a “luta” contra o tempo em tão demorada viagem, na forma de Durand.

Poder-se-ia facilmente considerar os romances apenas pelo lado da imaginação, mas Ricoeur se admira, em seu trabalho sobre a metáfora, do “poder que algumas ficções têm de redescrever a realidade” (RICOEUR, 2005, p. 14). Ao explicar a “referência cruzada” entre as narrativas historiográficas e as ficcionais, Ricoeur dá a entender que há sempre, no discurso ficcional, uma referencialidade (RICOEUR, 2010, p. 140). Isto quer dizer que a literatura, mesmo que se faça de textos, discursos, que esteja nesse caso no âmbito do imaginado, estabelece uma relação significativa com a realidade, a partir desta a ficção faz sentido, como bem explicou também Ricoeur com as três formas de mimesis, demonstrando com a primeira delas que não há ficção sem um tempo prefigurado (RICOEUR, 2010, p. 95) e, pode-se dizer, sem um mundo anterior ao discurso.

Como não se trata de um assunto novo, é claro, sendo a representação uma questão que sempre retorna, central na maior parte das discussões teóricas e críticas da literatura, há um grande número de autores e obras que, neste recorte, não foram abordados, como Auerbach, Iser e, no caso brasileiro, Luiz Costa Lima. No caso da aproximação com a Geografia, há os estudos que vêm sendo realizados sob as denominações de “topografia”, “topoanálise”, “geocrítica”, entre outras. Também, não se tinha como objetivo analisar aproximando do “realismo mágico” latino-americano, com a perspectiva do fantástico e do maravilhoso de Todorov ou com a especificidade africana do “realismo animista” de Garuba, que podem trazer outras respostas à questão. Do mesmo modo, não se propôs, ainda, “cruzar” os referenciais, entendendo a terra e o mar como cronotopos e a estrada conforme as valorizações mítico-religiosas, também pertinentes aos romances.

Assim, como a atenção incide no espaço, as conclusões de Brandão trazem algumas respostas à questão, ele defende a existência de um imaginário espacial que se relaciona à realidade:

Pode-se pensar, em primeiro lugar, que, historicamente, há distintas conformações de uma *realidade espacial*, como modo de percepção empírica, associada a métodos de observação e representação do espaço e a modelos de organização geopolítica e econômica. Mas deve-se pensar também na existência de um *discurso espacial*, conjunto de produtos, com graus variados de formalização – incluindo-se aí, sem dúvida, a própria Literatura, mas também os discursos científicos e filosóficos – no qual se concretiza, além de um sistema conceitual e operacional, um quadro de referências simbólicas e um conjunto de valores de natureza cultural a que genericamente se denomina *imaginário espacial*. (BRANDÃO, 2005a, p. 127)

Nota-se que não apenas a literatura se faz discursivamente, mas que, em outras áreas, há discursos espaciais, os quais podem se “cruzar” com o literário. Para Brandão, o texto literário fascina por produzir uma “saber paradoxal que é tão mais vinculado à realidade quanto mais exercita sua autonomia em relação a ela”, o que leva a um “questionamento da oposição entre real e ficcional” (BRANDÃO, 2005b, p. 9). Para romper com essa dicotomia, ele propõe uma “terceira noção... o imaginário”, afirmando que “o fictício é uma realidade que se repete pelo efeito do imaginário, ou que o fictício é a concretização de um imaginário que traduz elementos da realidade” (BRANDÃO, 2005b, p. 9-10). Tendo Iser como referência, Brandão fala da existência de uma “plasticidade humana” convertida em texto pela literatura, plasticidade que “abarca a experiência do homem com o que percebe como real, o processo imaginário de conceber as limitações e

as potencialidades de tal experiência, e a transformação desse processo em obras, ou seja, a concretização do imaginário por meio da ficção” (BRANDÃO, 2005b, p. 11).

Nesse sentido, no conjunto do “imaginário espacial”, há discursos espaciais literários e não literários, por meio dos quais o espaço “se manifesta, seja para vir a ser tomado por real, seja para reconhecer-se como projeção imaginária, ou, ainda... como realidade imaginada” (BRANDÃO, 2005a, p. 127). Os romances, então, como vem sendo afirmado, mesmo constituindo-se discursivamente, fazem sentido pela referencialidade, pela relação que estabelecem com o mundo extratextual, no caso, com outros discursos, sejam estes objetivos ou subjetivos. Mesmo que pareça tender ao imaginado, Brandão procura demonstrar como a literatura se vincula à realidade, aproximando-se, de certo modo, do que propõe Soja, de que não se tem como separar o real e o imaginado.

Diante de tão ampla questão, o percurso que se empreende, aproveitando-se de seu caráter “real-imaginado”, não é linear, mas, sim, cheio de curvas e cruzamentos, como vários “pontos de parada” pelo caminho, encontros e confrontos, mas sem um ponto final. Tal parece ser a natureza do espaço, pois como afirma Santos, o espaço ao mesmo tempo que possibilita a ação, também a limita (SANTOS, 2009, p. 321). Sobre fazer um percurso teórico pelo que “sinalizam” as obras, Brandão defende ser produtivo porque, mesmo que faça surgir “um horizonte de teorização heterogêneo e impuro, marcado por uma plasticidade conceitual na qual a eventual incompatibilidade de certas noções pode permanecer estimulantemente irresoluta, ou mesmo revelar estranhas afinidades”, garante-se “que a obra literária... tenha primazia na condução do trabalho teórico, e não o inverso” (BRANDÃO, 2005b, p. 18).

Cardoso e Couto, portanto, reunindo objetividade e subjetividade na representação do espaço, compõem discursos explorando os vários sentidos, a plurissignificação com suas convergências e divergências. Por isso, se for utilizado apenas o cronotopo ou apenas o imaginário mítico-religioso na análise dos romances, somente um dos lados da representação do espaço será abordado, diminuindo o alcance dessa análise, sobretudo quanto às divergências, o que corrobora o ponto de vista de Soja quanto às restrições dos “Primeiro” e “Segundos espaços”. Assim, nos romances, pode-se entender o espaço a partir do “real e imaginado”, em que a síntese se faz possível, não como solução, mas como o problema mesmo, em que se têm sociedades “pós-coloniais” que se caracterizam pela complexidade, pela contradição e suas tensões.

Referências:

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A Terra e os Devaneios da Vontade: Ensaio sobre a imaginação das forças*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do Romance*. 6.ed. São Paulo: UNESP/Hucitec, 2010.

BEMONG, N. e BORGHART, P. A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. In BEMONG, N. et al. (orgs.). *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 16-32.

BRANDÃO, L. A. Breve história do espaço na teoria da literatura. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*. N.19. Ano 14. Brasília: UnB, 2005a, p.115-33.

_____. *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina/FALE/UFMG, 2005b.

CABRAL, C. A. Imagens do mundo: notas sobre o cronotopo no pensamento de Bakhtin. In BRANDÃO, L. A. [org.] *Respostas a Bakhtin*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012, p. 11-23.

CARDOSO, B. *Mãe, Materno Mar*. Porto: Campo das Letras, 2001.

COUTO, M. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução à arquetipologia geral*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, M. *Mito e Realidade*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Tratado de História das Religiões*. 4.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KEUNEN, B. A imaginação cronotópica na literatura e no cinema: Bakhtin, Bergson e Deleuze em formas de tempo. In BEMONG, N. et al. (orgs.). *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 52-77.

MORSON, G. S. e EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: Ed. USP, 2008.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Vol. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4.ed. São Paulo: Ed. USP, 2009.

SOJA, E. W. *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places*. Cambridge: Blackwell, 1996.